



PERFIL DOS PROFESSORES DE ALUNOS AUTISTAS DE UMA ESCOLA DE ENSINO PRIVADO DO INTERIOR DO CEARÁ

PROFILE OF TEACHERS OF AUTISTIC STUDENTS AT A PRIVATE SCHOOL IN THE INTERIOR OF CEARÁ

Dorgival Barbosa dos Santos¹, Renata Fernandes de Matos¹

¹ Licenciatura em Ciências Biológicas (2022) pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu-FECLI / Universidade Estadual do Ceará-UECE.

Info

Recebido: 02/2022
Publicado: 02/2023
DOI: 10.37951/2358-260X.2023v10i1.6257
ISSN: 2358-260X

Palavras-Chave

Ensino-aprendizagem. Inclusão. Transtorno do espectro autista.

Keywords:

Teaching-learning. Inclusion. Autism Spectrum Disorder.

Resumo

O autismo, também conhecido como transtorno do espectro autista (TEA), envolve uma série de alterações que se manifestam de forma precoce. Um comprometimento de atividades cognitivas e sociais são observadas nos indivíduos que apresentam TEA, o que interfere diretamente no seu aprendizado no âmbito escolar. Investigar o perfil dos professores que trabalha com esses alunos é assim essencial para se conhecer mais sobre os educandos desse público. Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa é investigar o perfil dos professores de alunos autistas de uma escola privada. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa quali-quantitativa com professores de uma escola da rede privada do município de Iguatu, localizado no interior

do estado do Ceará. A coleta de dados se deu mediante a aplicação de um questionário, sendo os dados expressos na forma de gráficos, quadros e nuvens de palavras. Pelas informações obtidas conclui-se que existe uma grande diversificação no perfil dos professores da escola investigada, o que engloba aspectos como a formação, a idade e o tempo de atuação na docência, o que contribui para que os alunos autistas vivam experiências diversificadas oriundas de cada educador.

Abstract

Autism, also known as autism spectrum disorder (ASD), involves a series of changes that manifest early. An impairment of cognitive and social activities are observed in individuals who have ASD, which directly interferes with their learning at school. Investigating the profile of the teachers who work with these students is essential to know more about the students of this public. In this context, the objective of this research is to investigate the profile of teachers of autistic students in a private school. For this, a qualitative-quantitative research was carried out with teachers from a private school in the municipality of Iguatu, located in the interior of the state of Ceará. Data collection took place through the application of a questionnaire, with data expressed in the form of graphs, tables and word clouds. From the information obtained, it can be concluded that there is a great diversification in the profile of the teachers of the investigated school, which encompasses aspects such as training, age and time of teaching experience, which contributes to the autistic students having diversified experiences arising from each educator.

INTRODUÇÃO

O autismo ou, como melhor compreendido, TEA (transtorno do espectro autista) é definido como um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados (GRIESI-OLIVEIRA; SERTIÉ, 2017). O TEA se manifesta por combinar fatores genéticos e ambientais, possuindo etiologias diversas, o que o faz ser compreendido como

uma síndrome de enorme complexidade comportamental (RUTTER, 2011).

O mesmo engloba déficits na linguagem, na comunicação verbal e não-verbal e na reciprocidade socioemocional, comprometendo diretamente aspectos do dia a dia de seus portadores. Dessa forma, manter e compreender as relações são fatores que interferem e comprometem o aprendizado de tais indivíduos, o que expõe uma necessidade de estudos voltados para o ensino de alunos com TEA (APA, 2014).

Pimentel e Fernandes (2014, p. 172) revelam que “as expectativas de diferentes grupos envolvidos no processo de inclusão escolar, ou seja, professores, pais de alunos com deficiência e sem deficiência, são divergentes”. Nesse contexto, os professores se preocupam, principalmente, com as questões sociais das crianças inclusas, enquanto os pais esperam que eles se atentem para os aspectos pedagógicos.

Os professores têm assim a responsabilidade de mediar uma atenção direcionada as necessidades específicas de cada aluno, contudo, nem sempre os educandos conseguem inseri-los nas atividades de sala de aula, havendo uma grande dificuldade para propor atividades diferenciadas (PAULINO, 2015). Essa forma, cabe ao professor, por vezes sem suporte, fazer com que o aluno com autismo seja inserido e/ou incluso no ambiente escolar e assim seja capaz não só de aprender, mas também estabelecer laços de afetividade e convívio (SILVA; NUNES; SOBRAL, 2019).

Pelo convívio diário, o professor pode exercer um papel importante até mesmo no diagnóstico ou identificação da criança que potencialmente seja autista. Nesse contexto, Paulino (2015, p. 4) afirma que “é indispensável a ação de professores nesse momento, os quais podendo conviver com crianças autistas possam identificar o transtorno e assim tomar as providências necessárias para que o mesmo possa ser trabalhado ainda na infância”.

Pozo (2002) e Demo (2005) comungam que “existe uma grande necessidade de propiciar aos professores uma formação quanto à complexidade e a reestruturação presente na aprendizagem, permite uma compreensão do aprender e do ensinar”. Esse conhecimento pode propiciar aos mestres a reestruturação do sistema de ensino, proporcionando aos discentes melhores desempenhos na tarefa de aprender.

Castro; Giffoni (2017, p. 100) afirmam ainda que “a relação professor-aluno com TEA deve ter suporte pedagógico que facilite seu aprendizado, devendo o currículo da Educação Infantil envolver áreas cognitivas, motoras, linguísticas e sociais”. Dessa forma, será possível acontecer efetivamente o processo de ensino-aprendizagem para os alunos com autismo, devendo suas habilidades ser estimuladas e potencializadas ao longo deste processo.

Ferreira (2017, p. 65) ainda indica que “os educadores precisam compreender a revisão dos conceitos didáticos aplicados de maneira igualitária e que não beneficiam a aprendizagem de todos”. Neste sentido, faz-se necessário que as diferenças sejam privilegiadas no processo educacional para que os educandos tenham uma real compreensão do discurso ensinado.

O docente precisa assim compreender que o indivíduo autista é alguém que involuntariamente resiste à aprendizagem, sendo o professor desafiado a conquistar sua atenção, e mesmo que esta seja mínima, deve ser considerada como um sucesso”. Isto é o ponto de partida para se estabelecer uma maneira de comunicação e para aplicar as ferramentas educativas (BIANCHI, 2017).

O modo de educar indivíduos com TEA é significativamente limitado, devido às alterações envolvidas nesse espectro (comportamento, socialização e comunicação) e à falta de profissionais especializados. O profissional deve manter-se informado, participando de ações de formação contínua e precisa receber suporte de equipes multidisciplinares e da instituição (PIMENTEL; FERNANDES, 2014).

Desse modo, o grande desafio do professor é encontrar essas formas inovadoras, adaptá-las às necessidades do aluno autista e ajustá-la ao mesmo conteúdo que estiver trabalhando com os demais. Isso

fará com que seja criado um ambiente inclusivo, devendo o conteúdo ser flexível para atender pessoas deficientes, porém não devendo ser diferente, já que neste caso, seria contra as ideias inclusivas de abolir o ensino apartado (BIANCHI, 2017).

Diante dessas informações, a presente pesquisa tem por objetivo investigar o perfil dos professores de alunos autistas de uma escola privada, identificando as principais características apresentadas por estes educadores.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa tem natureza quali-quantitativa, ou seja, é uma pesquisa do tipo mista. No que diz respeito a pesquisa qualitativa, Kripka, Scheller e Bonotto (2015, p. 243) apontam que “os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual fazem parte”.

Já a pesquisa quantitativa pode ser compreendida como destaca Manzatto e Santos (2012, p. 7) os quais indicam que “os métodos de pesquisa quantitativa, de modo geral, são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada”.

A pesquisa foi realizada com os professores de uma Escola de Ensino Fundamental e Médio da rede privada do município de Iguatu, localizado na região Centro-Sul, no interior do estado do Ceará, a qual está distante 365 km da capital Fortaleza. A referida escola apresenta em seu quadro de discentes alunos com TEA nas turmas do Ensino Fundamental e Médio.

Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário, o qual foi composto por questões objetivas e subjetivas, o qual pode ser compreendido como:

Um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. As perguntas devem ser claras e objetivas, a linguagem utilizada deve ser de fácil entendimento, com vocabulário adequado ao nível de escolaridade dos informantes, as perguntas não podem sugerir ou induzir as respostas, mantendo-se uma sequência lógica (OLIVEIRA *et al.*, 2016, p. 8).

Para a análise dos dados contou-se com os recursos do Microsoft Excel, por meio do qual foram obtidas porcentagens e elaborados gráficos e quadros a fim de facilitar a visualização dos resultados. Foi realizada também a análise mediante a formação de Nuvem de Palavras, o que se deu por meio do site <http://www.edwordle.net/create.html>.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao buscar saber o sexo dos professores entrevistados, foi possível obter os resultados presentes no Gráfico 1, no qual pode-se perceber que a maioria dos professores são do sexo feminino, o que mostra que as mulheres estão inseridas com grande representatividade na docência na referida escola. Esses resultados concordam com o que aponta Codo (2006, p. 62), o qual destaca que “os trabalhadores da educação constituem de fato, até a atualidade, uma categoria essencialmente feminina”.

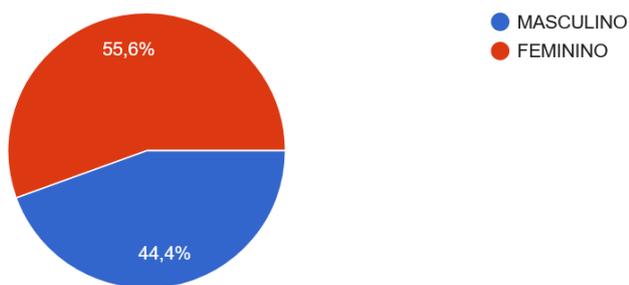


Gráfico 1: Sexo dos professores entrevistados

Ao buscar saber a idade dos professores entrevistados, constatou-se que exatamente metade destes tem entre 31 e 40 anos, como mostra o Gráfico 2. A segunda idade mais citada foi a de 41 anos ou mais, apontada por 27,8% dos entrevistados, o que evidencia que os professores da maior faixa etária estão presentes no mercado de trabalho, fazendo parte do quadro de funcionários da referida escola.

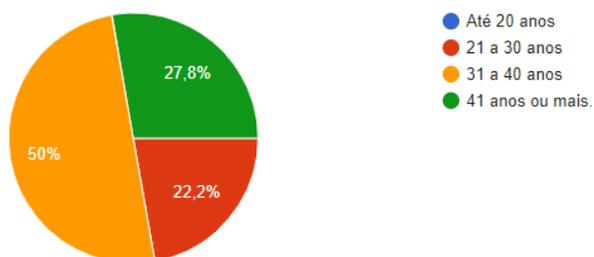


Gráfico 2: Idade dos professores entrevistados

Docentes com idade entre 21 a 30 anos também constituem uma parcela dessa pesquisa, mostrando que, de certa forma, ocorre uma renovação no quadro de profissionais da escola, o que dá oportunidades para a aquisição de experiência à mais profissionais da área. Contudo, não foi identificado nenhum professor que apresentasse uma idade inferior

Quadro 1: Curso de formação dos professores entrevistados

Cursos citados	Indicação (%)
Letras	38,9
Matemática	16,7
Ciências Biológicas	11,1
Ciências Biológicas e Pedagogia	5,6
Pedagogia	5,6
Letras e Direito	5,6
Direito/História/Filosofia	5,6
Filosofia	5,6
Ciências das Religiões e Sociologia	5,6

a 20 anos, ressaltando-se que pode existir algum nessa faixa etária, mas que não foi englobado pela pesquisa.

Nesse contexto é viável destacar que independentemente da idade ou do sexo, todos os professores devem se aprofundar no conhecimento dos alunos autistas. Isso contribui para que esses desenvolvam estratégias de ensino que valorizem a inclusão e garantam a esses alunos m ensino de qualidade, considerando sempre suas demandas pessoais.

Ao questionar se os professores possuíam alguma graduação concluída, 100% dos entrevistados responderam que “sim”. Isso leva a pensar que ser graduado é um pré-requisito para lecionar na referida escola, o que nem sempre é observado quando se consideram escolas de ensino privado. Nesse contexto, Tymon (2013) destaca que “um diploma anteriormente visto como um elemento diferenciador (como no caso da licenciatura) passou a ser quase um “pré-requisito” para obtenção de um emprego”.

No Quadro 1 se encontram os cursos nos quais os professores são formados. Observa-se que o curso mais citado foi Letras, o que indica que muitos professores optaram por uma formação nesta área, e, somado a isto, existe uma porcentagem que indicou que além da formação em Letras tem formação em Direito. Isto mostra que este professor ou quis mudar de área ou quis um complemento de conhecimentos. Contudo, vale destacar que na referida escola o seu trabalho ocorre voltado para a sua formação em Letras

O curso de Direito também foi citado junto aos cursos de História e Filosofia. E, o curso de Filosofia veio a ser citado novamente de forma separada, representando a única graduação daqueles que o indicaram. Ainda na área das Ciências humanas, foi citada a formação em Ciências das Religiões e Sociologia, indicadas por uma mesma porcentagem de professores.

Na área das Exatas, a graduação em Matemática contou com a menção mais representativa, estando também entre uma das mais citadas em toda a pesquisa. Esta foi seguida pelas Ciências Biológicas, a qual também contou com uma indicação considerável. Isto mostra que essa escola conta com um quadro de professores com formações diversas, ressaltando-se suas formações na área da licenciatura.

Os professores que apresentam formação voltada para as áreas biológica e humana, provavelmente tiveram ao longo de sua formação básica um maior contato com temas relacionados ao autismo. Porém, a formação continuada é necessária para que os docentes se aprofundem na sua área de atuação e, nesse contexto, cursos de especialização voltados para o trabalho com alunos com necessidades especiais faz-se necessário independentemente da área de formação do professor.

No Gráfico 3 encontram-se as informações referentes ao tempo de docência dos professores. A maior porcentagem de indicação foi para a opção de 16 anos ou mais de tempo de docência (33,3%). Em seguida, contaram com as segundas maiores indicações as opções 13 a 15 anos e 7 a 9 anos, sendo cada uma apresentada por 22,2% dos entrevistados, e a opção 10 a 12 anos foi apontada por 16,7%, o que mostra que tais professores contam com um tempo considerável de experiência.

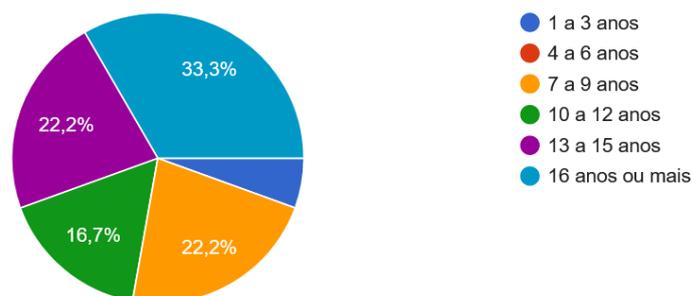


Gráfico 3: Tempo de docência dos professores

O tempo de docência de 1 a 3 anos foi apontado por apenas 5,6% dos entrevistados. Estes contam com um tempo menor de experiência e, provavelmente, são os indivíduos que apresentaram as menores faixas etárias mencionadas anteriormente. Contudo, é viável destacar que os mesmos estão construindo suas carreiras profissionais, momento em que toda experiência é de grande valor.

Entende-se que o trabalho com alunos autistas é aprimorado com a experiência do professor, sobretudo, no que diz respeito a convivência com estes em sala de aula. Os professores que apresentam pouco tempo de docência estão ainda na construção de suas primeiras experiências, as quais, espera-se que sejam mais aprofundadas para os professores que contam com um maior tempo de docência.

No Quadro 2 encontra-se o tempo de docência que os professores entrevistados apresentam na escola alvo da pesquisa. Os períodos citados foram bastante diversificados, de forma que o tempo de 8 anos foi o mais mencionado por parte dos professores (22,2%), evidenciando que a escola em geral preza e, de certa forma, garante uma longevidade aos docentes na sua atuação. O que é confirmado ao se observar que alguns professores relataram apresentar até 19 anos de trabalho nessa mesma escola.

As disciplinas mais citadas foram Gramática, Literatura, Filosofia, Artes e Biologia, as quais incluem tanto disciplinas ofertadas no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. A grande citação das disciplinas de Gramática e Literatura confirma as informações apresentadas no início da pesquisa, nas quais pode-se observar que o curso de Letras é o principal a fazer parte da formação dos professores.

Diversas outras disciplinas também foram citadas pelos professores, porém em menor representatividade. Entre estas estão, por exemplo, Ciências, Vivências e Valores. A disciplina de Ciências aparece em um tamanho reduzido possivelmente por alguns professores terem citado Biologia ao invés da mesma. Em várias dessas disciplinas existe então a possibilidade de se trabalhar o tema autismo, o que é importante para incentivar a inclusão de uma forma sistêmica.

Nesse contexto, destaca-se que a nuvem de palavras possibilita apresentar os termos que foram mais citados pelos entrevistados, sendo uma ferramenta de grande utilidade. E, como ressalta Vilela; Ribeiro; Batista (2020, p. 34) “a proposta de construção das nuvens de palavras surge como um meio para a produção dos indicadores que compõem a análise do estudo, visando identificar os seus desafios”.

Por fim, indagou-se dos professores em quais níveis de ensino estes lecionam. Metade dos entrevistados afirmou que dão aulas em ambos os níveis de ensino (Fundamental e Médio), o que indica que estes trabalham com alunos de diferentes idades. Do restante dos entrevistados, uma grande parcela ministra aulas somente para o Ensino Fundamental (44,4%) e os demais (5,6%) ministram aulas apenas para o Ensino Médio (Gráfico 4).

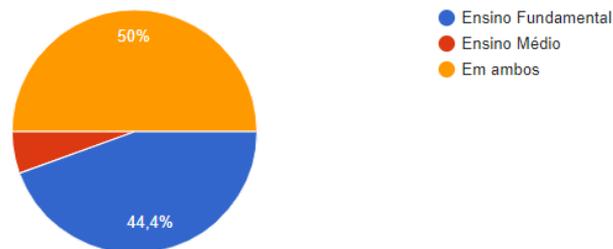


Gráfico 4: Nível de ensino em que os professores lecionam

De acordo com o nível ensino, desafios diferentes são impostos aos professores, o que ocorre tanto em relação ao conteúdo que é trabalhado, o qual, em geral, fica mais complexo com o decorrer dos anos de ensino; quanto as habilidades que estes profissionais devem apresentar para ajudar na construção do conhecimento. Isso se ressalta quando se trata do ensino de alunos autistas, de forma que estratégias diferenciadas devem ser adotadas para cada nível de escolaridade em que esses alunos se encontram.

CONCLUSÃO

Conclui-se com a presente pesquisa que existe uma grande diversificação no perfil dos professores da escola investigada, o que engloba os mais diversos aspectos. Ter profissionais com formações, idades e tempo de atuação diferentes contribui para que os alunos autistas vivam experiências diferentes, de forma que cada professor pode contribuir de forma particular para a inclusão e educação desses alunos.

REFERÊNCIAS

APA - American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais. Edição 5, 2014. Disponível em:<<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos->

- Mentais-DSM-5-1-pdf>Acesso em: 09 jan 2022.
- Bianchi RC. A Educação de Alunos com Transtornos do Espectro Autista do Ensino Regular: Desafios e possibilidades. Dissertação. Franca – São Paulo. 2017. Disponível em:<<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150651>>Acesso em: 20 jan 2022.
- Castro AC. Giffoni SDA. O conhecimento de docentes de educação infantil sobre o transtorno do espectro autístico. *Revista Psicopedagogia*. 2017;2:98-106.
- Codo W. Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis – Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:<http://www.uel.br/prograd/gepe/materiais/educacao_carinho_trabalho.pdf>Acesso em: 02 fev 2022.
- Demo P. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento Petrópolis: Vozes, 2005.
- Ferreira RSC. Contribuições das neurociências para a formação continuada de professores visando a Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto-MG, 2017, p. 1-17. Disponível em:<<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9429>>Acesso em: 12 jan 2022.
- Griesi-Oliveira K. Sertié AL. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado. *Revendo Ciências Básicas*. Hospital Israelita Albert Einstein. São Paulo, 2015.
- Kripka RML. Scheller M. Bonotto DL. Pesquisa Documental: Qualitativa em Educação. Porto Alegre-RS. 2015.
- Manzatto AJ. Santos AB. A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa. Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP. 2012.
- Oliveira O. Questionário, o Formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: Vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em Ciências Humanas. Congresso Nacional de Educação – CONEDU. 2016.
- Paulino KVT. Autismo. Universidade de São Paulo, São Carlos-SP, 2015.
- Pimentel AGL. Fernandes FDM. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Audiol commun*. 2014;19:171-179.
- Pozo JI. Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Rutter ML. Progress in understanding autism: 2007–2010. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. 2011;41:395–404.
- Silva MM. Nunes CA. Sobral MSC. Educação Inclusiva: O Autismo e os Desafios na Contemporaneidade. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*. 2019;12:748-762.
- Tymon A. *Studies in Higher Education*. *Course Hero*. 2013;38:841-856.
- Vilela RB. Ribeiro A. Batista NA. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. *Millenium*. Maceió-AL, 2020.